

A CORRESPONDÊNCIA DE MONTEIRO LOBATO

Cassiano Nunes
Universidade Nacional de
Brasília

Picasso, que não foi um gênio limitado apenas à pintura, legou-nos um conceito de arte, que acho maravilha de simplicidade, pois, em breves palavras, concentra a contradição, a mola dialética, que constitui a essência de toda criação artística. É-lo o aforisma estético precioso desvelador: "A Arte é uma mentira, que revela a Verdade." Perfeitamente concorde com esse pensamento, em que o paradoxo se acha apenas na aparência, é que sempre pude retrair-me, frio, da teoria teatral de Brecht, que pregava o "desilusionamento", o cancelamento da credibilidade na representação. Ora, o ilusionismo, a mentira, são imanentes à criação da Arte, e sem esses elementos nem se justificaria a obra artística: contentar-nos-íamos com a mera visão da natureza, do cotidiano, da realidade. Longe de mim exorcismá-los. Pelo contrário, amo-os, compartilho deles, fiel, atento e até amoroso, como dentro de pouco verão. O terror da alienação tem feito muitos artistas desejarem uma forma de arte descartada de todos os elementos estéticos: a ilusão, a fábula, o símbolo, o mito, a representação — em suma, a mentira. Pretendem esses **realistas**: uma impossibilidade: criar arte, amputando-a do que lhe é inerente: a sua especificidade — a emoção estética. Croce acertadamente definiu a arte como visão e intuição. O "ready made" parece ser a exemplificação extrema desse realismo dos nossos dias. Pego um objeto qualquer — por exemplo, como Duchamp, um vaso de privada, produto industrial — e chamo-o de obra de arte. Aceito-o seriamente como um presente da realidade generosa. E quem pode rejeitar a realidade pródiga, múltipla, e às vezes mais emocionante e estranha, segundo afirmou o bardo genial, do que a própria ficção? Essa abundância da realidade, de fato tão disposta, inclinada a converter-se em arte, faz-me refletir que ao mesmo tempo que através da mentira atingimos a verdade profunda do humano, percebemos, igualmente, na realidade palpitante e tantas vezes patética, um pendor constante, uma vocação, dir-se-ia, para se converter em arte. Se observarmos bem ao redor de nós, em qualquer parte que estejamos, chega-

remos rapidamente à conclusão de que os assuntos artísticos estão em todos os lugares. Eles se acham por aí "dando sopa", conforme se diz na gíria. Já aqui alguém se deu ao ato indiscreto de observar uma pessoa descuidada que fala ao telefone? Porque sou um estudioso da ontologia do Teatro, já me dei essa ocupação, e posso garantir que fiquei impressionado com a teatralidade natural da vida. Emocionamo-nos com o que ouvimos e até com o que não ouvimos, mas adivinhamos, implícito, ominoso, nas pausas... Aliás, a dramaticidade das conversas ao telefone já foi explorada por numerosos dramaturgos como Cocteau e O'Neill, e lembro-me de uma cena de telefone no cinema na verdade inesquecível, e que foi representada por Luise Rainer em ZIEGFELD, O CRIADOR DE ESTRELAS. Não me julguem, pois, um defensor da arte alienada, da literatura sorriso da sociedade... Defendo apenas a arte integral, inteira na sua particularidade, leal à sua natureza. Naturalmente, nada tenho contra a didática nem contra a pregação política, mas repugnam-me quando tentam usurpar os direitos da Arte, tantas vezes espezinhados pelo fanatismo das seitas, pelo comercialismo, pela censura. Defensor da Arte que sou, nem por isto deixo de ser um apaixonado do real e das criações humanas que são transcrições fidedignas do real. Por exemplo: a epistolografia, os relatos memorialistas, os diários íntimos, a reportagem jornalística, a fotografia, o documentário cinematográfico. Apraz-me confessar neste momento — e é uma singela homenagem que presto a uma colega que não conheço — que a obra MEMÓRIA E SOCIEDADE (Lembranças de Velhos), constituído principalmente por depoimentos de oito pessoas idosas, de autoria de Ecléa Bosí, foi um dos livros que mais me tocou. Este volume revela a vida de pessoas de diferentes classes sociais, mas todas elas se unem por uma profunda humanidade, sem quaisquer laivos de sentimentalismo: uma jovem de boa família que dedicou a sua existência ao movimento de elevação da classe proletária; uma empregada doméstica, laboriosa e generosa, que, mesmo enviando, criou bem não só os seus filhos, mas também um menino que adotou; um ingênuo integralista que foi descobrir a realidade como ela é, ao deparar com o próprio filho torturado numa cadeia; e até um divertido vigarista que pertenceu ao bando predatório de certo governador de São Paulo... Estas criaturas falaram com tal sinceridade de suas vidas que várias vezes, emocionado, não pude deixar de ter os olhos umedecidos de lágrimas. Podemos, então, dizer que, ao contrário da ficção artística, que partindo do imaginário nos desvela a verdade maior que nos escapa na rotina, os testemunhos da verdade, da realidade, em virtude de sua carga emocional, da sua exuberante vitalidade, transcendem a moldura do real, e nos lançam nas fronteiras dúbias, misteriosas, da Arte. A frase

banal "Minha vida é um romance" — que ouvimos tantas vezes nas madrugadas dos cabarés em que ressoavam tangos — parecerá talvez ridícula, mas é uma perfeita verdade. A vida de cada um de nós é um romance, e quanto mais ela se afasta do conformismo e do formalismo, mais romanesca se torna.

A correspondência constitui uma das formas mais legítimas e palpitantes de expressão do humano. Nas cartas, a vida lateja, clama, explode, e, por serem às vezes patéticas, fazem-nos pensar freqüentemente em arte, em ficção. Não é apenas a curiosidade maisã do "voyeur" que pode impelir-nos à leitura das cartas que não nos foram endereçadas. Mas podemos ser impulsionados pelo desejo de conhecer sem máscara a realidade humana, a origem dos fatos históricos, um sem número de razões científicas. Também podemos ser induzidos pela paixão estética, pois cartas podem ser verdadeiras obras de arte. Poucos livros marcaram mais a minha alma do que o que apresentavam as cartas de Van Gogh. Soube há pouco que o indiscreto, Luís XIV leu as cartas de noivado de Mme. Sévigné e que Luís XV distraía-se lendo cartas que autocraticamente mandava buscar no Correio... Contam que William Faulkner, funcionário postal, foi destituído do seu cargo, por ter o mau hábito de abrir e ler as cartas que passavam pela suas mãos... Deste modo, o futuro grande romancista queria descobrir as paixões dos homens, reveladas de forma nua e crua... André Crabbe Rocha, num sério estudo, A EPISTOLOGRAFIA EM PORTUGAL, em que funde pesquisa, história e antologia, justifica desta maneira o seu trabalho: "ele ambiciona ser mais do que uma simples prospecção: tenta amalgamar no cadinho da compreensão todas as pepitas dispersas ou escondidas, e tirar delas o ouro de lei que contém.

A própria substância estudada irradia sobre grande número de escritores uma luz particularmente reveladora. Como um Raio X que ilumina órgãos vitais, ajuda-nos a vencer a opacidade dos seres. É sem dúvida essa visão de dentro, proporcionada pelas cartas, que constituiu a experiência mais singular de tão longas e por vezes penosas leituras. Procurar, no espelho multifacetado das correspondências, imagens inesquecíveis dos escritores portugueses — ora pungentes, ora rutilantes, quase sempre pessimistas — e integrar num gráfico único certas coordenadas constantes no decorrer dos séculos, foi tarefa deveras apaixonante."(1).

Gustave Lanson, nos ESSAIES DE MÉTHODE, DE CRITIQUE ET D'HISTOIRE, nos salienta o valor da correspondência, mas logo de início nos adverte, depois de nos lembrar a sua existência há 3 ou 4.000 anos no Egito, que "un certain degré

de culture et d'activité intellectuelle est nécessaire pour que la correspondance devienne une habitude et un plaisir".(2).

Até certo ponto, a arte da correspondência consiste, pois, no prolongamento da arte da conversação, esta arte que parece perdida no neobarbarismo da atualidade. Júlia Lopes de Almeida referiu-se a fazendeiros do Brasil antigo que sustentavam, por longo tempo, parasitas visitantes, só pelo prazer de sua conversa. É um pouco o caso de José Dias em DOM CASMURRO.

A correspondência que nasce da necessidade, do pragmatismo, tem contudo revelado escritores, que se instalaram nas antologias, imortais, como Mme. de Sévigné. Lanson assevera que foi sobretudo escrevendo cartas que Cícero se immortalizou como escritor. Hoje, não é mais possível contentar-nos só com o conhecimento das obras literárias dos grandes escritores. Exigimos, ao lado destas, os volumes da sua correspondência. Desta maneira, perustramos os epistolários de Hemingway, de Thomas Wolfe, de Thomas Mann, de Brecht, de Virginia Woolf (3710 missivas em 6 volumes), de Valéry Larbaud, do autor de romances policiais Raymond Chandler, de Victoria Ocampo, de Joyce, de Gottfried Benn (só as cartas para seu amigo Oelze renderam 3 volumes), de Georg Kayser, em suma de quase todos os escritores significativos do nosso tempo.

Cartas de compositores (Berlioz, Debussy e Schonberg), de pintores (Césanne, Kandinsky, Paul Klee), de políticos, de filósofos, de teólogos (Karl Barth, por exemplo), também vêm sendo publicadas. E sabemos hoje que não são só as cartas dos grandes homens que são importantes. Também estão sendo valorizadas as cartas da gente humilde, das pessoas anônimas. Foi baseada em cartas de famílias germânicas comuns que Barbara Beuys, autora de FAMILIEN LEBEN IN DEUTSCHLAND, pôde escrever um livro histórico muito sério sobre a evolução da família na Alemanha. Imaginem se hoje pudéssemos contar com um boa coleção de cartas dos candangos que construíram Brasília! Como seria interessante esse respeito dos acontecimentos, relativos à fundação da nossa Capital feito pelos próprios homens ousados e laboriosos que a edificaram! A propósito, tive o prazer de contribuir para a publicação de UM CANDANGO NA FUNDAÇÃO DE BRASÍLIA, do ex-operário paraibano Sebastião Varela (Tião) que, num poema de cordel, deixou um testemunho válido da vida pioneira de nordestinos, mineiros e goianos acampados no cerrado, para atenderem à convocação patriótica de Juscelino Kubitschek.

Não pensem que este prestígio da correspondência não passa de um modismo a mais, pois, da mais remota antigüi-

dade, deriva a nobilitação da epistolografia. Onde há uma sociedade elevada, há também a correspondência e a sua valorização e conservação. Isto explica que tenham chegado até nós cerca de 20.000 cartas de Rousseau! De seu coetâneo Voltaire estão agora mesmo sendo lançadas, em tradução, na Inglaterra, 18.000 epístolas... Diálogos imortais ficaram gravados perenemente na correspondência: o de Goethe com Schiller e o dessa mulher extraordinária, que foi George Sand, com Flaubert.

Só na nossa terra, cujo subdesenvolvimento não é apenas econômico, mas também um subdesenvolvimento no espírito da sociedade, é tão difícil encontrar documentos do passado, porque foram jogados no lixo, ou se acham inaproveitáveis por falta de classificação e organização, ou ainda porque os sonega um sentimento de posse, que é egoísmo do mais mesquinho. Além do mais, tendo entre nós dominado, no passado, a moralidade do tipo vitoriano, isto é, repressiva, burguesona, havia o maior cuidado na ocultação das cartas, para não revelarem segredos de família...

De qualquer maneira, louvemos as edições recentes das cartas de Graciliano Ramos e de Mário de Andrade, e afinal tudo o que se tem feito, nos últimos anos, em prol da conservação ou publicação da correspondência dos grandes brasileiros. Recordo que Monteiro Lobato, que foi pioneiro ou paladino em tantos campos, na direção da "Revista do Brasil", estimulou a publicação dessa correspondência, e mais ainda o fez, neste campo, a extraordinária "Revista do Livro", publicação do Instituto Nacional do Livro, animada por escritores da sensibilidade de Augusto Meyer, Brito Broca e Alexandre Eulálio, cuja supressão foi um ato mau e néscio que feriu a cultura nacional.

Constituiu para mim um grande prazer apoiar a minha defesa da epistolografia nacional, com o exemplo concreto da obra de Monteiro Lobato, um dos brasileiros que mais escreveu cartas — e cartas, por sinal, das mais belas, das mais inteligentes, das mais criativas, que podemos encontrar no ambiente pátrio. Ele próprio, numa carta a Godofredo Rangel, declarou que o Correio constitui uma das maiores invenções do Homem! Foi justamente através da correspondência que descobri a grandeza e a originalidade de Lobato, convertendo-me num dos seus estudiosos mais persistentes.

Naturalmente, na infância, travei conhecimento com o escritor Lobato, por meio de Narizinho Arrebitado e seus companheiros da deliciosa saga do Sítio do Picapau Amarelo e

também por meio do Jeca Tatuzinho, personagem que nos era revelado por folhetos distribuídos nas farmácias brasileiras. Na adolescência, li seus contos e artigos inflamados. Mas, na verdade, só me senti profundamente tocado pela individualidade de Lobato ao ler a BARCA DE GLEYRE, obra, em que, como se sabe, se reuniram as cartas enviadas pelo criador de Jeca Tatu ao seu antigo companheiro de vida estudantil e boêmia literária, Godofredo Rangel. Essa correspondência durou mais de quarenta anos.

Edgard Cavalheiro, que conheceu essas cartas antes da sua publicação, e que escreveu para o livro um prefácio sensível e sensato, começa a sua introdução com estas palavras: "Quando há cerca de um ano, Lobato me proporcionou a leitura de um punhado de folhas datilografadas contendo parte da correspondência trocada com Godofredo Rangel, vi logo o originalíssimo livro que seria a sua reunião em volume." E prossegue: "Caso único, na verdade, e talvez não só na história literária do Brasil. Cartas de escritores — aos amigos, parentes, bem amados, colegas etc. — são comuns. Os volumes da correspondência de Flaubert são em maior número que os da sua produção original. E ninguém desconhece as centenas de cartas de Victor Hugo à noiva. Mas uma troca de cartas entre dois amigos, e sobre o mesmo assunto, que tenha durado quarenta e tantos anos, parece-nos coisa inédita.

Se o fato em si é original, as conseqüências são originalíssimas. Pois aqui estão as "memórias" de um homem, escritas sem ele saber, compostas sem plano preconcebido, realizadas com um máximo de fidelidade e isenção de ânimo. Sabemos todos como são falsas, duvidosas ou apaixonadas as histórias dos homens que escreveram sua própria vida."⁽³⁾

Cavalheiro detém-se sobre o tema fundamental dessa prolongada e palpitante correspondência: "De que tratam eles em tantas cartas? De tudo. Especialmente de livros e autores. De vez em quando uma ligeira incursão sobre assuntos domésticos, políticos ou sociais, mas a preocupação absorvente é quase sempre literária. Impressões de leitura, discussões em torno de obras, estilos, tendências. As leituras são muitas. Uma miscelânea de autores e assuntos, todos sofregamente devorados. Por vezes pequenas pausas. Enfadados, procuram produzir. Trocam então críticas, submetem um ao outro suas produções, estimulam-se, sem, no entanto, abdicarem ao direito de crítica.

Contando, numa linguagem despida de pretensões, sem o público como elemento controlador, sem outro censor que o

amigo certo — suas inquietações espirituais, suas preocupações artísticas ou descobertas nos campos da estilística ou da filologia, Lobato vai traçando a linha seguida da concepção da arte, suas causas e efeitos."⁽⁴⁾

Cavalheiro conclui seu prefácio salientando a importância dessa obra para a juventude interessada na criação literária: "A lição aí está: a árvore deu os frutos esperados! Essas cartas — se tantas outras coisas não nos dissessem de um homem que é uma das mais puras expressões da nossa vida intelectual — serviriam de excelente roteiro aos moços que ora começam e que, deslumbrados, pelo êxito fácil, se entregam à ilusória notoriedade das grandes bagagens literárias como passaporte para a imortalidade. Além de sinceridade e experiência, honestidade e talento, arte é também esforço, é também principalmente árduo aprendizado. "Noventa por cento de transpiração e dez por cento de inspiração", dizia Edison."⁽⁵⁾

Concordo com tudo o que Cavalheiro escreveu a respeito das cartas de Lobato, mas há ainda, a meu ver, elementos dessa vigorosa epistolografia que esperam um especial relevo do analista e do crítico. Penso que o que surpreende nessa obra é a pródiga, profusa, pululante criatividade, e quem diz criatividade dá a entender originalidade. O personalismo de Lobato espouca de instante a instante em observações das mais singulares, e que são expressas com um pitoresco ou humor surpreendentes. É curioso notar que algumas das suas melhores reflexões sobre a arte literária foram escritas com pouco mais de vinte anos. Num "post-scriptum" de 1904 — com vinte e dois anos, portanto — ele enfrenta com audácia um dos mais fortes tabus gramaticais do tempo, quando o revolucionarismo dos modernistas ainda estava no limbo dos nascituros: "Apontas-me, como crime, a minha mistura do "você" com "tu" na mesma carta e às vezes no mesmo período. Bem sei que a Gramática sofre com isso, a coitadinha; mas me é muito mais cômodo, mais lépido, mais saído — e, portanto, sebo, para a coitadinha. Às vezes o "tu" entra na frase que é uma beleza; outras é no "você" que está a beleza — como sacrificar essas duas belezas só porque um Coruja, um Bento José de Oliveira, um Freire da Silva, um Epifânio e outros perobas "não querem"? Não fiscalizo gramaticalmente minhas frases em cartas. Língua de cartas é língua em mangas de camisa e pé no chão — como a falada. E portanto continuarei a misturar o tu com você como sempre fiz — e como não faz o Macuco. Juro que ele respeita essa regra da gramática como os judeus respeitavam as vestes sagradas do Sumo Sacerdote. Logo, o dever nosso é fazer o contrário."⁽⁶⁾

Esse moço estudante, fortemente intuitivo, desafia os tabus gramaticais da época, tão respeitadas na ocasião quanto os dogmas da Igreja, e mostra que tem razão, antepondo o psicológico e o estético ao lógico, que fundamentava, então, a gramática. Ressalta os direitos da oralidade. Atualmente a mistura de tratamentos no diálogo é aceita, sem qualquer dúvida ou escrúpulo, no teatro brasileiro. Na carta seguinte, de 15 de novembro de 1904, o estudante, que está se despedindo da Academia, e se sente muito apegado aos seus companheiros de tertúlias — um dos traços mais emocionantes de Lobato foi a sua total lealdade aos seus colegas da Faculdade, lealdade que manteve até ao fim da sua vida — solta, no vestibulo da existência, umas digressões que, além de explicarem o sentido do título *A BARCA DE GLEYRE*, nos fixam a indecisão e a perplexidade do moço e da sua geração: "Nunca viste a reprodução dum quadro de Gleyre *"Ilusões Perdidas"*? Pois o teu artigo me deu a impressão do quadro de Gleyre posto em palavras. Num cais melancólico barcos saem; e um barco chega, trazendo à proa um velho com o braço pendido largadamente sobre uma lira — uma figura que a gente vê e nunca mais esquece (se há por aí os *ENSAIOS DE CRÍTICA E HISTÓRIA* de Taine, lê o capítulo sobre Gleyre). O teu artigo me evocou a barca do velho. Em que estado voltaremos Rangel desta nossa aventura de arte pelos mares da vida em fora? Como o velho de Gleyre? Cansados, amargos, desarvorados, rotos? As ilusões daquele homem eram as velas da barca — e não ficou nenhuma. Nossos dois barquinhos estão cheios de velas novas e arrogantes, atadas ao mastro da nossa petulância. São as nossas ilusões. Que lhes acontecerá?(?) Lobato passa de imediato a assinalar o determinismo do destino dele próprio e de seus colegas, seres marcados pela tara literária, estigmatizada pelo sistema dominante: "Somos vítimas de um destino, Rangel. Nascemos para perseguir a borboleta de asas de fogo — se a não pegarmos, seremos infelizes; e se a pegarmos, lá se nos queimam as mãos. Nós três, eu, você e o Edgard, sofremos da mesma doença e, pois, trilharemos as mesmas sendas e voltaremos ao cais na barca de Gleyre — com aquele mastro caído, a lira largada, a bússola sem agulha. E por que isso, Rangel? Porque em nós três há uma coisa que nos obriga a partir, a caçar a borboleta, embora certos de que o retorno será na barba de Gleyre. Essa coisa dentro de nós é o que explica a imensa disparidade entre você e o Breves, entre o Edgard e o Goulart, entre eu e o Macuco. O que não impede que Breves, Goulart e Macuco, nos olhem com profundo desprezo. Somos para eles, o que eles são para nós".(8) Em seguida, o moço correspondente passa a definir a individualidade inalienável, inarredável, do estilo, com a argúcia admirável, que ele vai demonstrar muitas vezes na exposição do mesmo

assunto, pois, pode-se dizer que Lobato lança uma verdadeira "teoria do estilo", abeberada na filosofia da Natureza dos românticos. "Organicidade" é uma palavra-chave para a compreensão do escritor Lobato. Mas voltemos ao trecho precioso: "Estamos moços e dentro da barca. Vamos partir. Que é a nossa lira? Um instrumento que temos de apurar, de modo que fique mais sensível que o galvanômetro, mais penetrante que o microscópio; a lira eólia do nosso sentido estético. Saber sentir, saber ver, saber dizer. E tem você de rangelizar a tua lira e o Edgard tem que edegardizar a dele, e eu de lobatizar a minha. Inconfundibilizá-las. Nada de imitar seja lá quem fôr, Eça ou Esquilo. Ser um Eça II ou um Esquilo III, ou um sub-Eça, um sub-Êsquilo, sujeiras! Temos de ser nós mesmos, apurar os nossos Eus, formar o Rangel, o Edgard, o Lobato. Ser núcleo de cometa, não cauda. Puxar fila, não seguir.

O trabalho é todo subterrâneo, inconsciente; mas a Vontade há de marcar sempre um norte, como a agulha imantada.

Esses nossos desalentos, esses nossos tédios iterativos, esses nossos desesperos, provam a favor, Rangel, não provam contra. São reflexos da misteriosa gestação subterrânea. Como vem isso? Sempre como eco do constante processo analítico inerente à gestação."(9). Descreve Lobato a concepção da Arte, baseado em símiles biológicos. As idéias de gestação e parto o perseguem. Como também os fenômenos do metabolismo e até os atos fisiológicos. Compara a criação literária espontânea ao ato de mijar. O que está também em Camilo, de quem lhe veio talvez a concepção organicista da Arte, que iria colocá-lo em feroz oposição aos estilos "artificiais" ou "intelectuais" da modernidade, como o cubismo.

Justificando a utilidade dos diários íntimos, salientando a força dos instintos em cada ser humano, ou explicando a origem da febre em termos tão vivos, tão divertidos, que lembram um desenho de Walt Disney, não há página da *BARCA* que não cause satisfação intelectual. Salientam-se com freqüência, nas variadas epístolas, reflexões de Lobato sobre a arte literária, mas realmente elas são multimodas. A perscrutação do eu, anotações de ordem psicológica, não faltam. O reconhecimento da singularidade do escritor — o seu caso e o caso de Rangel — inspira ao moço de Taubaté e Areias, numa carta de 1908, esta reflexão peculiar: "E das coisas que eu mais sentia (o literato estava enfermo em Santos) era não poder escrever-te.

Por que? Porque para o Lobato, você continua sendo o Rangel de sempre, espécie de sócia, morador em Minas, único ouvido que hoje o ouve e único cérebro que o atura. Porque

somos como dois desertores da caravana da Vida — dois desertores que abandonaram a estrada larga de Todo Mundo pelo qual seguem os homens taralhando como baitacas, e preferiram seguir por um carreirinho marginal, gozando a delícia de pensar livremente e livremente contar um ao outro o que de melhor os miolos pensaram Que seremos nós daqui a dez anos? Os mesmos de hoje, apenas mais acrescentados com os sedimentos da vida. Somos um aluvião, Rangel. Uma coluna geológica. Dez, vinte anos, que é isso? Nada. Há quantos anos, somos os mesmos apenas com mais depósitos aluviais? A nossa essência não muda. Fingimo-nos mudados, mas um exame de consciência mostra-nos a imutabilidade essencial.

As estações do ano! Cai uma folha, nasce outra. Isso chama-se o perpassar do tempo. Somos como as manchas da pele, as sardas, as pintas; as células que as compõem, sucedem-se indefinidamente; não temos hoje em nossas pintas uma só célula que lá estivesse há alguns anos atrás — mas a pinta continua a mesma. Somos os mesmos. Nem o casamento que parece um cataclisma geológico, teve força para nos mudar." (10).

A constatação melancólica da marginalidade do intelectual no Brasil impregna essa página. O grande drama de um autor da pujança criativa de Lobato foi verificar que no Brasil não havia um espaço para a sobrevivência do escritor. Lobato sente-se um "desertor"... O futuro abandono das Letras, da parte de Lobato, não surpreende a quem acompanha com atenção a sua correspondência. Não foi de modo algum, o modernismo — opinião de Wilson Martins e outros ilustres confrades — que desviou o autor de URUPÊS da literatura, mas, sim, a impraticabilidade de se criar arte num país sem infra-estrutura nem organização, em que estava quase tudo por fazer.

O que se esquece de apontar nas missivas da BARCA é que se elas não descrevem propriamente o Brasil da República Velha, proporcionam-nos, contudo, muito do clima social da época. Vou além desta afirmativa: as cartas de Lobato constituem um testemunho objetivo da nossa república, fundamentada nos interesses oligárquicos e na alienação das classes favorecidas que não conseguem ver o Brasil como ele é, quando observado na sua nudez: pobre e primitivo, na sua maior parte.

Quando Lobato descreve a sua chegada a São Paulo, logo após o término da revolução do Isidoro, em carta de julho de 1924, sente-se que a "belle époque" brasileira terminou e que uma era problemática se iniciava: "Reentrei com a minha gente em São Paulo no mesmo dia da evacuação à tarde. Fios tele-

fônicos por terra, casas em ruínas, paredes cravejadas de balas. Um burro morto na várzea do Carmo. Aspectos das cidades belgas e francesas depois da saída dos alemães. Mas a vitalidade de São Paulo é muito grande. Reparará tudo com rapidez. Quando vim de Santos e entrei na cidade deserta já havia homens remendando fachadas. A guerra havia terminado pela manhã e a reconstrução já estava em andamento.

A situação agora é de expectativa. Tudo no ar ainda. Que vontade de emigrar para não sei onde! Nem mais em São Paulo, a terra clássica da paz, existe paz hoje! Revolução em São Paulo! Bombardeio de São Paulo! Quem jamais admitiu semelhante absurdo?"(11)

Em 1925, depois da falência da sua casa editora, Lobato muda-se para o Rio e naturalmente encanta-se com o cenário incomparável da Guanabara (embora desadore o tropicalismo, no que difere de Mário e Oswald de Andrade) mas focaliza na Capital da República os defeitos da Nação. O que ele, nem sempre perspicaz, aponta como produto carioca, vejo antes como resultado da nossa inautenticidade substancial — o drama de Macunaíma, o falso esperto, cuja aparência alegre e cômica ilude. O maravilhoso espetáculo de Antunes Filho revelou a dorida frustração brasileira à sociedade. Macunaíma vencido vira estrela. Tal qual Monteiro Lobato, que renuncia à sua atividade patriótica, e hoje vemos astro distante no firmamento da TEVÉ GLOBO. Eis a diatribe de Lobato contra a Cidade Maravilhosa: "O Rio me dá a idéia dum tremendo cancro que parasita e suga toda a seiva do Brasil. Ou o Brasil dá cabo deste Rio de Janeiro, ou o Rio de Janeiro dá cabo do Brasil. O Artur Bernardes me disse isto em Belo Horizonte, antes de ocupar a presidência: "Só não mudarei a Capital Federal, se me fôr impossível. Nunca haverá governo decente nesta terra, enquanto a sede do governo fôr no Rio — naquele antro. "Eu hoje compreendo o que há de certo em tais palavras."(12).

A lentidão de progresso no Brasil daquele tempo impele Lobato, o sonhador do dinamismo, para os Estados Unidos. O ideal literário e editorial do autor de URUPÊS, um dos maiores **best-sellers** do Brasil, transforma-se em plataforma pragmatista de desenvolvimento. Mal se instala nos Estados Unidos, logo vê que esse país lhe oferece o modelo de liberdade e conforto que sonhava para a sua terra. Decide-se, então, a contribuir pessoalmente para a modernização da nação arcaica, atrasada, a fim de que Jeca Tatu se converta num operário robusto como, em Detroit, os da Ford. O que até certo ponto já reconhecemos no Lula... Lobato lança para o lado o regionalismo literário e

propugna pela fundação da nossa siderurgia e pela exploração do nosso petróleo. Petróleo que ninguém ainda tinha visto, mas no qual Lobato tinha uma fé cega. Fé de profeta. Lobato, indiferente pelas ideologias políticas, aliás alheio por tudo que se referia à política (só o reacionarismo brasileiro, de baixo nível mental, pôde ver nele um comunista), acreditava apenas num meio de redimir o brasileiro: enriquecer o país, atualizando-o, tecnizando-o. O utilitarismo, o praticismo, de Lobato, afastam-no do mundo da literatura. Mas como tudo na vida tem um preço, Lobato, mergulhado nos seus negócios fantásticos (que Nelson Palma Travassos com perspicácia considera metamorfoses do sonho literário do escritor) vai perder muito da sua agilidade e fecundidade intelectual, patenteadas nas cartas da mocidade, que encontramos na BARCA. É claro que não esgotou a sua fantasia, a sua verve, que o acompanham até ao fim da vida, e se acham tão bem comprovadas pela sua literatura infantil, modelo de grandeza literária mesmo para os leitores adultos e peritos da análise literária. O estudo de toda a sua correspondência também documenta a unidade inconsistente em tudo o que subscreveu, tal como o previra na sua carta juvenil que há pouco citamos. Mas é evidente que Lobato, nos seus últimos anos, não poderia ir discutir assuntos de arte com o seu antigo antagonista Mário de Andrade, que, na década de quarenta, nos oferecia as mais altas páginas de estética que foram pensadas e escritas no Brasil.

Já decidido a ir, com a família, para os Estados Unidos, a 23 de março de 1927, o epistológrafo escreve a Rangel: "Passei a manhã de hoje emaçando cartas — como tenho cartas, meu Deus! Apesar do destroço que a cada mudança nelas faço, ainda as conservo às centenas; das que dizem algo interessante para a história da minha vida e da vida contemporânea não me desfaço. Conservo-as todas. Desta feita parto para longe. Estou a fazer a bagagem. A 27 de abril sigo de mudança para os Estados Unidos, para onde fui nomeado Adido Comercial. Verei se lanço a edição inglesa do CHOQUE DAS RAÇAS e estudarei a hipótese do transplante da nossa segunda empresa editora. Se fôr possível chamar-se-á Tupi Publishing Co. e há de crescer mais que a Ford, fazendo-nos a todos milionários — editores e editados. O Brasil é uma coisa perrenque demais para os planos que tenho na cabeça. Esses planos no Brasil permanecerão toda a vida lândeadas; lá virarão piolhos do tamanho de iguanodontes. O cargo assegura-me subsistência e deixa-me liberdade de ação. Espero em dois anos dispensá-lo e ficar apenas o chefe da Tupi Co.. Que sonho lindo! Que maravilha! Morar e ter negócio na maior cidade do mundo, onde os homens se envenenam com o fedor da gasolina de 800 mil

automóveis! América, a terra de Henry Ford, o Jesus Cristo da Indústria!"(13).

A América do Norte nunca decepcionou Lobato, embora não lhe tenha proporcionado as situações que ele ambicionava. Nem a depressão de 29, que encheu de pessimismo a tantos compatriotas de Hoover, de jeito algum perturbou o mais americanófilo dos brasileiros. E perdeu o que possuía jogando na Bolsa! Dois meses depois de ter chegado à terra de Ford, Lobato, deslumbrado, dirige-se a seu amigo de Minas, nestes termos eufóricos: "Sinto-me encantado com a América. O país com que sonhava. Eficiência! Galope! Futuro! Ninguém andando de costas! E há aqui até sabiás... O robin, anunciador da primavera (o robin emigra no inverno e é o primeiro passarinho que volta quando a primavera vai romper) tem aquele mesmo papo cor de telha nova do nosso sabiá-laranjeira.

Passarinho aqui é gente, Rangel. Todos os bichos aqui são gente — cães, gatos, esquilos... E há hospitais para os bichinhos como não os há para os jecas. Uma conhecida minha aqui de Jackson Heights mandou para o hospital dos passarinhos o seu canário hamburguês e o recebeu perfeitamente curado e alegre.

Rangel: sou um peixe que esteve fora d'água desde 1882 quando nasci, e só agora caiu nela. Isto aqui é o mar do peixe Lobato. Tudo como quero, como sempre sonhei. E a Pátria aí custea-me com 700 dólares por mês. Hei de devolver esse dinheiro com juros fabulosos. Meu plano agora é um só: dar ferro e petróleo ao Brasil."(14) O projeto do petróleo já em 1927... Como Lobato estava à frente dos seus patrícios! Mas justamente no exato momento, isto é, na própria carta em que anunciava o advento do ferro no Brasil, o Lobato que parece ter-se instalado no reino mirífico da metalurgia, e deixado tudo o mais para trás, revela a unidade insubornável do seu ser, o encadeamento indissolúvel do homem de negócio ao literato devaneador da Paulicéia das arcadas românticas. Lobato revela-se fiel à turma querida do Minarete, o simpático chalezinho de bairro, que reunia os jovens do agitado Cenáculo, empanurrados de leituras e virgens de "curtições"! Depois de algumas informações prosaicas sobre o ferro, o interlúdio poético das reminiscências, da saudade, emerge na carta: "ah, Rangel o Macuco! O nosso tempo do Minarete! És o único amigo efetivo que me resta daquele tempo; efetivo porque produz efeitos a mim relacionados: carta, troca de idéias e impressões, elogios.

Conversar com você por carta foi o meu substituto de conversar comigo mesmo em noites de lua — porque nunca tive

tempo de conversar comigo mesmo de dia e ainda menos agora que minha vida virou um "rush" de "subway" no Times Square às 5 horas. E só conversamos um assunto...

A lua! Eu só falava comigo mesmo quando sozinho no campo, com a lua lá em cima. A lua, a velha lua... Sabe que a vi ontem?

Meu escritório é na Battery Place, a praça à beira d'água onde esta cidade começou e chama-se assim porque foi onde os holandeses de Manhattan armaram uma bateria para se resguardarem dos índios. Como aquela fortaleza de Bertiooga que o "coronel" Tomé de Sousa construiu para defesa contra os tupinambás e onde esteve como artilheiro o Hans Staden.

Pois bem: ontem retardei-me no escritório e quando sai já de noite, dei com a lua no céu. Entreparei, comovido. Era a primeira vez que a via em New York. Será verdade? exclamei lá por dentro. Então há também lua nesta terra? Lua sempre me pareceu coisa lá do Brasil, lá da fazenda, lá de Areias. E fui sentar-me num dos bancos da praça já deserta com os olhos fixos na lua na minha velha e boa lua! Quedei-me a recordar o passado. E lembrei-me da cena do Ricardito beijando o focinho do pobre cavalo de tilburi; e do Raul "tentando" ouvir; e do Albino vacilando; e do Nogueira lendo Zola à luz azul do teu fogareiro de álcool; e do Cândido com suas gravatas maravilhosas; e do Tito babando um trocadilho; e do Lino circo-circuitando estrepitosa e nervosamente; e do Correia evagerando; e de você carregando com cara fúnebre o caixão do Orelha Gorda enquanto mentalmente dava destino aos 100 mil réis que afinal não recebeu... Não houve o que aquela boa lua não me recordasse. Até de minha égua moura lá da fazenda. Excelente criatura! Tudo isso a lua de Battery Place me evocou."(15).

E voltamos ao "velho tema" que é quanto a vida se pode parecer a um romance — e romance que aspira a uma adaptação para filme... Não nos esqueçamos da importância dos romances epistolares do século XVIII, de Goethe, Richardson, Rousseau e Laclos, para a evolução maravilhosa do romance europeu do século seguinte! Que é afinal a realidade? E a ficção? Perguntas que ficam vibrando no ar quando termina a peça SEIS PERSONAGENS A PROCURA DE UM AUTOR, de Pirandello. Por sinal, as cartas também têm a sua teatralidade. A correspondência trocada entre Bernard Shaw e a atriz Mrs. Patrick Campbell deu matéria para uma peça encantadora QUERIDO MENTIROSO, que vi, no Brasil, representada por Natália Timberg. E no excelente espetáculo **off-Broadway** IN

WHITE AMERICA, em que se contava a história do negro nos Estados Unidos, cartas eram dramatizadas de maneira muito efetiva.

Mas o próprio Lobato percebeu o que havia de romanesco na BARCA e numa carta a Albino Camargo assim se manifestou: "A BARCA saiu sem querer um romance em que várias personagens aparecem a relanços e vão indo até o fim. Até em Nova Iorque, trinta e tantos anos depois, são lembrados. Personagens intensos no começo e que vão se sumindo aos poucos, como perdidos na bruma..."(16).

Assim encerro esta magra síntese desse grande livro A BARCA DE GLEYRE, grande e desconhecido. Estou consciente de que não dei uma idéia correta da riqueza do livro, pleno de observações perspicazes, de traços humorísticos, de anotações sentimentais. Obra radiosa, fagulhante, que detém o leitor num passo e noutro, e que o obriga ao retorno, à releitura. De vez em quando volto a essa obra, e nunca sai dela a não ser refrescado, estimulado, fascinado.

Um aspecto primordial da BARCA a salientar é a criação espontânea orgânica, de um estilo arraigado no terrunho, no ambiente — o estilo sonhado pelo próprio Lobato. Sou tentado a chamá-lo de estilo Jeca Tatu, do mesmo modo que ele denominou um livro de artigos e ensaios de IDÉIAS DE JECA TATU, obra fortemente nativista, de cunho marcadamente nacionalista. Mas não confundam esse jecatatuismo com a visão superficial do caboclisto de Cornélio Pires e seus seguidores — o caipirismo anedótico, estereotipado, kitsch, que tanto sucesso obteve nas letras sem arte, no teatro de revista, nos programas de rádio e de televisão. Lobato advertiu-nos de que esse caipirismo alegre, falso estereotipado, encobre a vida verdadeira do caipira freqüentemente dramática... Como descrever, pois, esse estilo, essa maneira de escrever, autóctone, anterior ou paralela ao modernismo, precursora da literatura de 30? Acho que ele se efetiva, por numerosos recursos de introjeção da vida real na arte literária, de modo especial, a oralidade — trunfo indispensável até mesmo na criação da poesia. Um dos seus processos principais consiste no emprego de metáforas ou comparações inspiradas pelo quotidiano da vida interiorana, fazenda ou pequena cidade. Vou tentar oferecer uma ilustração desta teoria. Plantas, animais, utensílios, ferramentas, comidas ou costumes da rotina provinciana são expeditas naturalmente, fígados pela pena-anzol do escritor piraquara, para a criação de imagens. E instintivamente vai se formando o texto como visão, atmosfera, da região, do habitat em que transcorrem as vidas que estão arraigadas àquele chão pátrio ou mátrio —

terra-mãe e das Mães. Exemplifiquemos, pois, com referência à árvore: "Neto é aquela jaboticabeira que vejo daqui. A folhagem excessiva não me deixa ver o desenho nervoso e bonito do tronco e dos galhos.(17). Anoto citação de inseto bem conhecido nas zonas caipiras paulistas, considerado iguaria (Lobato comparou-o mesmo ao caviar): "Estamos como iças que derrubam as asas e afundam no buraquinho. O destino me deu este buraco de Areias e a você deu o de Machado."(18). Outro exemplo da mesma classe: "Raul anda adido ao Cândido como um bicho-de-pé."(19). Um exemplo em que tabocas, vegetação, insetos e anúrios, tudo compõe um quadro de "local colour": "Camilo é floresta virgem, irregular, com perambeiras e espigões, com taquaruçus, bromélias, borboletas de azul excelente em vãos bolados e mamangavas tremendas, e sapos que espirram leite venenoso."(20). O fungo urupê que aparece obsessivamente na obra de Lobato, e contém naturalmente um significado simbólico, é citado em carta de 1915: "Irão suprimir essa comarca? Seja o que fôr, parabéns. Será arrancar um urupê desse pau podre aí. Não há nada como um tranco do destino."(21) Mas passemos agora para o saboroso compartilhamento da culinária, da doçaria: "Que aventura tremenda, Rangel! Dar petróleo ao Brasil como quem dá cocada a uma criança!(22). Outro exemplo: "Quero ler Camilo em Cabeceiras do Basto, para ver se é assim mesmo. Isso será comer curau dentro do milharal."(23). E para concluir essa enumeração, deliciosa como cocada ou curau, vou citar um trecho sobre o gênero memórias que revela em Lobato a paixão pela vida, pela realidade, e todos os seus aspectos que, descritos, parecem dar às coisas uma imantação que as traslada para as fronteiras mágicas e misteriosas da Arte: "Parece que ando na idade das memórias. Só nelas temos o que é possível de história verdadeira com os *bas-fonds* e as cosinhas e copas da humanidade. A história dos historiadores coroados pelas academias mostra-nos só a sala de visita dos povos. Mas as memórias são a alcova, as anáguas, as chinelas, o pinico, o quarto dos criados, a sala de jantar, a privada, o quintal — a pele quente e nua, ora macia e lisa, ora craquenta de lepra da humanidade, a grande humanidade com h minúsculo, esse oceano de machos e fêmeas, que come, bebe e ama e supõe que faz mais algumas coisa que isso."(24). Acho esse fragmento de prosa muito plástico, mural, e intuo no artista o desejo de uma arte poética extraída do trivial, da banalidade, um tipo de "arte pobre", em que os objetos comuns têm como alvo, no seu conjunto, uma visão *incomum*, isto é, artística.

A correspondência de Lobato e Rangel, que, no meu entender, tem um sentido profundo, constituindo uma legítima chave para a compreensão do verdadeiro Lobato — homem

múltiplo, proteico, titanista e contraditório, de uma simplicidade só aparente — possui decerto a parte melhor das epístolas de Lobato por um motivo óbvio: foi a correspondência que o escritor enviou ao seu confidente literário, eleito por ele para isto exclusivamente. Infelizmente falta-nos a maior parte das cartas que Lobato deve ter enviado a Ricardo Gonçalves (Ricardito), que foi o seu amigo mais querido, o que ele mais admirava. Ricardo, figura trágica, suicidou-se em 1916. Essa seria a correspondência do afeto, da intimidade, do coração. As poucas cartas de Lobato ao poeta dos IPÊS, que me chegaram às mãos, devo-as à generosidade de d. Júnia Silveira Gonçalves, filha do extraordinário Valdomiro Silveira, e cunhada de Ricardo. Entretanto, toda a correspondência de Lobato, que escreveu cartas incessantemente, com uma diligência epistolar, que nada tem de brasileira, revela-se móvel, cambiante, variada e variada, franca, destemida, plena de cintilações espirituais e espirituosas... Felizmente foi possível reunir-se já abundante material, mas me sinto inconsolável pelo muito que desapareceu e de maneira irreparável, em virtude de perdas, extravios, incêndios, calamidades... No entanto, a maior calamidade mesmo foi a burrice, a ignorância de uma sociedade que desconhecia a importância de conservar a sua memória. Restamos ainda a esperança de encontrarmos e salvarmos algum material. Espera-se também que as pessoas que possuem material não continuem a sonégá-lo à pesquisa. Que tencionam elas? Não vejo nenhuma nobreza nessa atitude avara que prejudica os estudiosos, impede a realização da nossa história pátria e cultural verdadeira. Certamente, atitudes negativas deste tipo é que explicam porque há tão poucos *brazilianists* no Brasil... Por esta e outras razões, Lobato amava tanto os Estados Unidos!...

Além da BARCA DE GLEYRE já foram publicados os seguintes volumes de correspondência de Lobato: os dois tomos de correspondência geral organizados pelo benemérito Edgard Cavalheiro; mais um pequeno livro com a correspondência entre Lobato e Lima Barreto, também trabalho de Cavalheiro; e as cartas de amor do ficcionista à noiva. Também jornais e revistas algumas vezes deram à publicidade cartas que lhes foram transmitidas pelos correspondentes de Lobato ou seus herdeiros.

No meu longo trabalho de pesquisa, patentemente prejudicado por eu residir em Brasília, consegui encontrar as coleções de cartas que aqui vou enumerar: a notável correspondência entre Lobato e o cientista Artur Neiva, homem do mais alto valor (só de Lobato são cerca de 80 cartas), e que achei em perfeito estado de conservação. Tive acesso a esse ma-

terial graças à cooperação das filhas do notável sanitariasta: Ilka e Gilda Hehl Neiva, hoje boas amigas minhas. Como Lobato constitui uma força positiva até agora! Estudando a sua obra, fiz conhecimento também com seus amigos — muitos deles, homens ilustres, realizadores, de maior importância para o progresso da nossa Pátria: Artur Neiva, Navarro de Andrade, Alarico Silveira, Belisário Pena, Fernando Azevedo, Anísio Teixeira, Manequinho Lopes, e tantos outros! Além do mais, tornei-me amigo de uma porção de personalidades interessantes que me têm ajudado neste trabalho de reconstituição e interpretação de uma existência e de uma personalidade. Sobre a correspondência entre Lobato e Artur Neiva, publiquei um ensaio "O Patriotismo Difícil".

Prossigamos. Notável coleção de cartas chegou-me surpreendentemente em casa como presente. E que presente! Tratava-se da coleção de cartas que Lobato remeteu ao romancista Flávio de Campos. Devo essa oferta à viúva do autor de PLANALTO, D. Hildegard Pires de Campos. Estas cartas são muito atraentes porque revelam as opiniões literárias de Lobato na última fase de sua vida. Desvelam também a equanimidade de Lobato, que muita gente só vê, através da luneta modernista, como misoneísta, inimigo da modernidade. Vejam só o que Lobato diz a respeito do seu opositor Mário de Andrade, a quem Flávio queria atacar por seu romance PLANALTO ter sido castigado pela crítica do autor de BELAZARTE: "Tu és um monstro de orgulho, Flávio. Pois queres atacar ao Mário só porque ele exerceu o seu natural direito de crítica? Ele não te insultou, não te ofendeu. Como então revidar? Revidar ao quê? Se tirar ao crítico a liberdade de criticar, matas a crítica, Flávio. Faço votos para que a Censura impeça a saída do teu artigo no "Casmurro". Fica feio para você danar com um cabra criticante só porque ele não gostou do teu livro da maneira pela qual querias que ele gostasse.

Mário é um grande crítico. Mário é notabilíssimo. Mário, pelo seu talento sem par no analismo criticista, tem direito a tudo, até de meter o pau em você e em mim. Eu tenho levado pancadinhas dele. Certa feita chegou a publicar o meu necrológio. Matou-me e enterrou-me. Em vez de revidar, conforme-me e sem mudar a minha opinião sobre ele. Inda esta semana cortei um pedaço de artigo dele sobre a nossa língua, ótimo, Mário é grande. Tem direito até de nos matar à moda dele."(25)

Outra coleção importante é a das cartas de Lobato ao sábio Alarico Silveira, autor de uma fabulosa Enciclopédia Brasileira, que desapareceu numa repartição de cultura... E surgiu há pouco, com um ar novidadeiro, vanguardista, no Brasil, uma

corrente colonizada, que se diz da contracultura... Como se a contracultura já não existisse há tanto tempo no Brasil, abandonando às intempéries e aos saques obras de arquitetura maravilhosa, desfigurando a fisionomia das cidades, não ativamente tanto como devia os programas de arte, negligenciando a construção e a organização de bibliotecas, suprimindo revistas importantes, **marketizando** a imprensa... As cartas de Lobato a Alarico Silveira já foram quase todas publicadas por Edgard Cavalheiro.

Gostosa e diferente — doméstica — a correspondência de Lobato com D. Iainha Pereira Gomes, mostrando o lado familiar, afetivo, de Lobato, homem da classe média brasileira, interiorano, que adorava bons papos em cadeira de balanço, com seus amigos e as esposas destes, em varandas largas e arejadas, enquanto a lua luminosa de Catulo, no firmamento, sugeria, ufanista, a sua superioridade no sertão brasileiro... Devo essa correspondência à escritora Maslova Gomes Venturi, filha de D. Iainha, que a entregou a meus amigos Helena Silveira e Miroel Silveira.

A classificação da correspondência entre Lobato e seu espírito afim Anísio Teixeira está sendo realizada pelo Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas.

Correspondência também importante de Lobato, a que mandou para Oliveira Viana, pois tratava de assuntos sociais e políticos. Felizmente esse material está conservado na Casa de Oliveira Viana em Niterói.

As cartas de Lobato ao seu jovem amigo e aspirante às Letras Hernani Ferreira já foram publicadas pelo Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade, mas ainda não foram apresentadas em livro.

Uma boa parte da correspondência de Lobato a Artur Coelho, de Nova Iorque, foi reproduzida num caderno mimeografado feito pelo excelente paraibano que se instalou nos Estados Unidos.

Bondosamente o prof. Sérgio Mota Pires enviou-me cópia de cartas de Lobato ao agrônomo Francisco de Assis Iglésias, tio da sua esposa, e homem de real valor.

Lobato escreveu muitas vezes ao presidente Getúlio Vargas — e uma dessas cartas foi mesmo a causa de sua prisão, mas não por culpa do presidente, é preciso que se diga. Algumas dessas cartas foram por mim conhecidas por intermédio de Raul Lima, que foi diretor do Arquivo Nacional.

A última coleção a que me referirei, é a que consiste em cartas de Lobato a Otaviano Alves de Lima, cuja leitura pude fazer devido à gentileza do Dr. Licurgo de Castro Santos Filho, presidente da Academia Campinense de Letras. Essas cartas, do fim da vida de Lobato, são muito curiosas, embora tratem de um único assunto: o georgismo, sua última utopia. Sua preocupação é, então, a posse e o uso da terra no Brasil — assunto que hoje empolga a Igreja Católica no Brasil. É surpreendente notar que o anticlerical Lobato hoje estaria ao lado dos padres e freiras que, no momento, se devotam com altruísmo e coragem às causas populares nos nossos sertões. Essas cartas formam uma unidade que lhes dá a feição de uma novela, pois nelas o velho escritor, idealista incorrigível, morando em Buenos Aires, maquina uma intriga ingênua: enviar ao Brasil um líder operário peronista que, inconsciente, despejaria, no ambiente nacional, a "boa nova" do georgismo... O projeto falhou e Lobato retraiu-se num novelo de desencanto. Sobre esse assunto estou terminando um ensaio: "O Último Sonho de Lobato".

Conhecem-se cartas avulsas numerosas a Fernando Azevedo, Aureliano Leite, Gilberto Freyre, Origenes Lessa, Fausto Alvim, a Vicente Guimarães (uma verdadeira coleção), ao Desembargador Paulo de Oliveira Costa, a José Américo de Almeida, a Júlio Prestes, a Otávio Mangabeira, a Domingos Carvalho da Silva, a Adroaldo Ribeiro Costa, e a D. Emma Ribeiro, filha de João Ribeiro, carta que me chegou às mãos por intermédio de Carlos Drummond de Andrade, o poeta máximo, e que vê com simpatia este trabalho de coleta de correspondência.

Recebi cartas de Lobato do Dr. Modesto Marques de Oliveira (que o conheceu pessoalmente), Mário Donato, Armando Pacheco, Felix Guisard Neto (única contribuição que recebi de Taubaté), D. Lenyra Fracarolli, Srtas. Sara Ramos e Hilda Vilela. De D. Maria José Sete Ribas, a Marjori da BARCA, ganhei uma breve mas engraçadíssima carta de Lobato.

Também estudei Lobato de maneira indireta, através da sua correspondência passiva, lendo as cartas de Artur Coelho (que consegui na Universidade da Paraíba, por esforços do prof. Humberto Nóbrega e seu sobrinho Dr. Sérgio Nóbrega), do aventureiro suíço Charles Frankie (as últimas dele vieram inesperadamente da Bahia, remessa do geólogo Guignone que as encontrou numa pesquisa de assuntos petrolíferos); as de Heitor de Moraes, cunhado de Lobato; de Oscar Cordeiro, o descobridor do petróleo no Brasil; de Louis Helmuth, norte-americano, de Nova Iorque; do dr. Fortunato Bulcão, seu as-

sociado no negócio do ferro; uma só mas longa e magnífica de Belisário Pena, denunciando o latifúndio em Pernambuco; de Artur Neves, de seu editor na Argentina e também do seu agente literário, residente em Buenos Aires, que tentou interessar Walt Disney na ficção infantil do criador da Emilia.

Obtive documentação a respeito de Lobato na Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, de São Paulo, na Editora Brasiliense, no Arquivo Nacional, na Biblioteca Nacional, no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, dirigido por D. Celina do Amaral Peixoto Monteiro Franco, neta do presidente Vargas, na Casa de Rui Barbosa, no Instituto de Estudos Brasileiros da USP, nos arquivos das **Folhas** e do **Estado de São Paulo**, na já citada Academia Campinense de Letras, no Museu Monteiro Lobato, de Santos, obra do dedicado Newton Nebel Santos. Valiosa a contribuição do meu colega da UNB, o geólogo prof. Othon Leonardos Filho, cujo pai foi atacado pelo escritor paulista.

Numerosos amigos trabalharam comigo nesta pesquisa como Paulo Dantas, Plínio Doyle, Geraldo Serra, Toledo Machado, Gilberto Mansur, Wilma Pupo Nogueira, Nair Lacerda, Antonio Olavo Pereira, José Tavares de Miranda, Maria Carneiro da Cunha, Carmen Olívia Amaral, e outros que ainda serão citados em trabalho maior.

A pesquisa foi iniciada na casa de D. Marta Lobato Pereira e seu genro, o Dr. Kornbluh, onde trabalhei um mês, desfrutando generosa hospitalidade, uma tradição lobatiana que permanece.

Mas exposto este levantamento do material epistolar de Lobato, em que se observam tantas facetas do talento do famoso escritor, qual será, para sintetizar o traço espiritual de Lobato, que podemos escolher como a sua qualidade distintiva, fundamental? Que idéia, nesse homem de numerosos interesses e dedicações, terá principalmente marcado o roteiro fatigoso da sua vida?

Vou tentar responder. Sei existir na literatura espanhola um livro de Dolores Franco que se intitula **ESPAÑA COMO PREOCUPACIÓN**. Este título me impressiona. O **BRASIL COMO PREOCUPACIÓN** seria o título perfeito para uma obra que pretendesse expressar o pensamento de Lobato, pois foi a preocupação pelo Brasil o assunto central, crucial, do escritor inquieto, insatisfeito, inconformado. Conhecemos trechos de Lobato expressando os mais diferentes estados de espírito —

crítica, ternura, admoestação, veemência, mau-humor, pessimismo, caridade —, mas podemos afirmar que o seu impulso mais forte, criador, provinha de uma só origem: o amor ao Brasil, que muitas vezes levou o escritor a manifestar-se como um apaixonado infeliz.

Orígenes Lessa compara o Lobato das explosões iradas aos profetas bíblicos que advertiam o povo de Israel quando ele se corrompia. Essa sugestão de Orígenes é justa. Vou transcrever mais uma vez (pois não é a primeira vez que o faço) o trecho do autor do FEIJÃO E O SONHO, dificilmente substituível quando se trata da *vis crítica* de Lobato: "De poucos homens ouvi ou li mais desvairados libelos, mais tremendas acusações contra o Brasil do seu e do nosso tempo. Ele está contra pelo menos há 25 anos. Ele acusa e denuncia, pelo menos há um quarto de século, como um Amós caboclo que substituisse as grandes apóstrofes de arrepiar pelo sarcasmo impiedoso, pela ironia de tirar sangue.

Nos primeiros tempos — e ele foi um dos primeiros a mostrar que o Brasil não era o país onde ninguém morria de fome como diziam os "porque-me-ufanistas" de outro tempo, mas um vasto hospital — sua voz era ainda grave e quase augural. É assim naquele panfleto hoje quase esquecido em que procurava abrir os olhos do governo e do povo para o problema do saneamento dos campos. Problema Vital. Entretanto ninguém mais profunda, mais furiosamente brasileiro, que esse rebenque a estalar sobre as ilhargas da Pátria."(26).

O tempo de que disponho está quase esgotado e vou limitar-me a fazer duas citações da correspondência que registram bem a sua paixão pelo Brasil e a sua solidariedade à nossa gente. Aliás, a palavra "paixão", do latim *passione*, etimologicamente significa "ato de suportar, de sofrer" e até "sofrimento do corpo", daí a Paixão de Cristo. Eis um trecho de uma carta de Lobato ao presidente Vargas, do ano de 1935, em resposta ao convite deste que desejava vê-lo dirigindo um serviço de propaganda que fomentasse a entrada de capitais estrangeiros no país: "O Brasil está cada vez mais pobre, mais derreado, mais desanimado. Quem avança pelo interior espanta-se da nossa miséria chinesa. Daí a revolta das almas e esses fermentos de agitação social referventes de todos os lados (integralismo, patrianovismo, comunismo etc.). Sintomas do mal-estar geral, da miséria crescente do povo. Miséria crescente, sim. Desesperado de qualquer melhoria, o povo enche-se de rancor contra os que estão de cima economicamente e torna-se subversivo. Não podendo melhorar de sorte sonha em rebaixar até si "os que estão bem". O raciocínio po-

pular é extremamente simplista: "Já que não consigo melhorar de sorte, ou subir, farei que desçam os que estão em cima para que também se atolem na minha miséria." E como a onda cresce acabará destruindo tudo! A repressão policial nada vale. Nunca houve país de mais intensa e feroz repressão do que a Rússia — e também em Roma seita religiosa nenhuma foi tão brutalmente perseguida como o cristianismo.

O remédio contra os desesperos extremistas tem que ser econômico. No dia em que a situação econômica melhora e o homem do povo se sente desafogado, sua ambição renasce — e em vez de sonhar em derrubar os que estão em cima, procura subir até eles. Está, ou sente-se com o caminho livre.

O meio de destruir os fermentos extremistas é um só — bom senso econômico, restauração da propriedade.

A revolução de 30 foi apenas política — e é duma revolução econômica que o Brasil precisa. Por que V. Excia., que chefou com tanto sucesso a revolução política, não chefia também a revolução econômica?"

A violência tradicional dos meios que possuem o poder no país também é denunciada pela voz humanitária do escritor numa carta dirigida ao seu amigo Fernando Costa, e escrita na Casa de Detenção: "Os presidentes de São Paulo se sucedem e nenhum se lembra de corrigir as falhas horrendas dessa coisa monstruosa que se chama Polícia de S. Paulo, com a sua Câmara de Torturas, que se chama Gabinete de Investigações. Foi preciso que eu viesse passar uma temporada aqui entre as vítimas para me convencer da hedionda realidade.

Ainda ontem entraram os moços do furto dos 5 mil contos — e quem os viu chegar sentiu engrouinhamento no coração. Eram espectros que se arrastavam tontos, bobos, idiotizados — tantas foram as torturas que lhes infligiram no famoso e infame Gabinete.

Muitos chegam e vão para a enfermaria — para morrer.

Ora não me consta que haja alguma lei autorizando a aplicação de torturas no Brasil. E se não há essa lei, então esses atos constituem monstruosos crimes da polícia. A solução tem que entrar neste dilema: ou a polícia suspende as torturas, ou então o Estado Novo as legaliza. Ficar assim como está é que é impossível, no futuro governo de Fernando Costa. Nós seus amigos e amigos de S. Paulo, mesmo presos, nos esforçamos para que a coisa mude — e eu me faço a voz de todas estas

miseráveis vítimas. Pelo amor de Deus, Dr. Fernando, reforme esse tumor maligno que já vem durando muito."(27).

Meus amigos: reconheço a insuficiência do meu trabalho. Limitei-me a mostrar apenas alguns fragmentos de uma correspondência que é das mais ricas, das mais criativas, das mais humanas, que jamais foram escritas no Brasil. E pensem nas partes dela que desapareceram para castigo da nossa negligência. E nas páginas de que ainda não temos conhecimento, por ignorância, desleixo ou visceral negativismo daqueles que as ocultam.

De qualquer modo, esta comemoração do 1º centenário do nascimento do grande escritor e grande brasileiro — "herói civil da nossa literatura", como o chamou Drummond — mostra que há brasileiros de boa vontade, de cultura, dispostos a reverenciar o autor de tantas páginas belas e emocionantes! Destarte, podemos ouvir de novo essa voz justiceira... E é inspirados por ela que, cheios de fé, esperamos que o Brasil nunca se conforme em ser o país de uma classe, de uma casta, de um partido, mas a nação generosa e justa que garanta vida segura e digna, liberdade e justiça a todos os brasileiros!

BIBLIOGRAFIA

01. ROCHA, Andréa Crabbe. *A epistolografia em Portugal*. Coimbra, Livr. Almedina, 1965. p. 8.
02. LANSON, Gustave. *Essais de méthode, de critique et d'histoire littéraire*. Rassemblés et présentés par Henri Peyre. Paris, Hachette, 1965. p. 272.
03. CAVALHEIRO, Edgard. "Estas memórias...". prefácio. In: LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1944. p. V.
04. *ibid.*, p. VII e VIII
05. *ibid.*, p. XII
06. LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. p. 46-7.
07. *ibid.*, p. 47
08. *ibid.*, p. 48
09. *ibid.*, p. 48
10. *ibid.*, p. 136
11. *ibid.*, p. 447
12. *ibid.*, p. 459
13. *ibid.*, p. 472-3
14. *ibid.*, p. 474-5
15. *ibid.*, p. 484-5
16. LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*. São Paulo Ed. Brasiliense, 1959. p. 129.
17. LOBATO Monteiro. *A barca de Gleyre*. p. 279
18. *ibid.*, p. 143
19. *ibid.*, p. 143
20. *ibid.*, p. 276

21. *ibid.*, p. 274
22. *ibid.*, p. 495
23. *ibid.*, p. 263
24. *ibid.*, p. 231
25. CAMPOS, Flávio. Carta à Monteiro Lobato. Arquivo de D. Hildegard Pires de Campos.
26. LESSA, Origenes. O brasileiro Lobato. *Leitura*, fev. 1944. p. 8.
27. LOBATO, Monteiro. Carta ao presidente Getúlio Vargas. CPDOC — FGV, ref. G. V. 35.02.15.
28. LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1959. v. 2. p. 78-82.